ENCARTE ESPECIAL
40 ANOS DE MAIO DE 68

Opinião Socialista

ANO XII - EDIÇÃO 337 - COLABORAÇÃO: R$ 2 - DE 08 A 14/05/2008 - WWW.PSTU.ORG.BR

AUMENTO GERAL DOS SALÁRIOS!

DIMINUIÇÃO E CONGELAMENTO DOS PREÇOS DOS ALIMENTOS!

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO SEM REDUÇÃO DOS SALÁRIOS E DIREITOS!

TODO APOIO À LUTA DOS METALÚRGICOS DA GM!

FIM DO FATOR PREVIDENCIÁRIO!

AS BANDEIRAS DOS TRABALHADORES PARA A CRISE

REPORTAGEM: CRÔNICAS DA COMBATIVA GREVE DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE FORTALEZA

PÁGINAS 8 E 9

BOLÍVIA : DESOBEDECENDO GOVERNO, POVO VAI ÀS RUAS CONTRA REFERENDO SEPARATISTA

PÁGINAS 10 E 11

■ HOMOFOBIA – No último dia 28, foi registrado o 58° assassinato de homossexuais no Brasil desde janeiro. É o maior número já registrado.

PÁGINA DOIS

■ NOVA FROTA – Os EUA criaram a 4° Frota de operações navais, cujo suposto objetivo é 'combater' o terrorismo e as atividades ilícitas, como o narcotráfico. A área de atuação da nova frota será a América Latina.

JUSTIFICATIVA

O presidente da Câmara de Deputados, Arlindo Chinaglia (PT-SP), tentou justificar o aumento da verba de gabinete dos deputados. Segundo ele, "frente ao reajuste que todo o funcionalismo federal teve", o reajuste dos deputados "é rigorosamente insignificante". Agora, cada um dos parlamentares terá a "insignificante" quantia de até R$ 60 mil por mês para seus gabinetes. E o deputado petista ainda tem a coragem de se comparar com o funcionalismo público, que amarga um tremendo arrocho salarial.

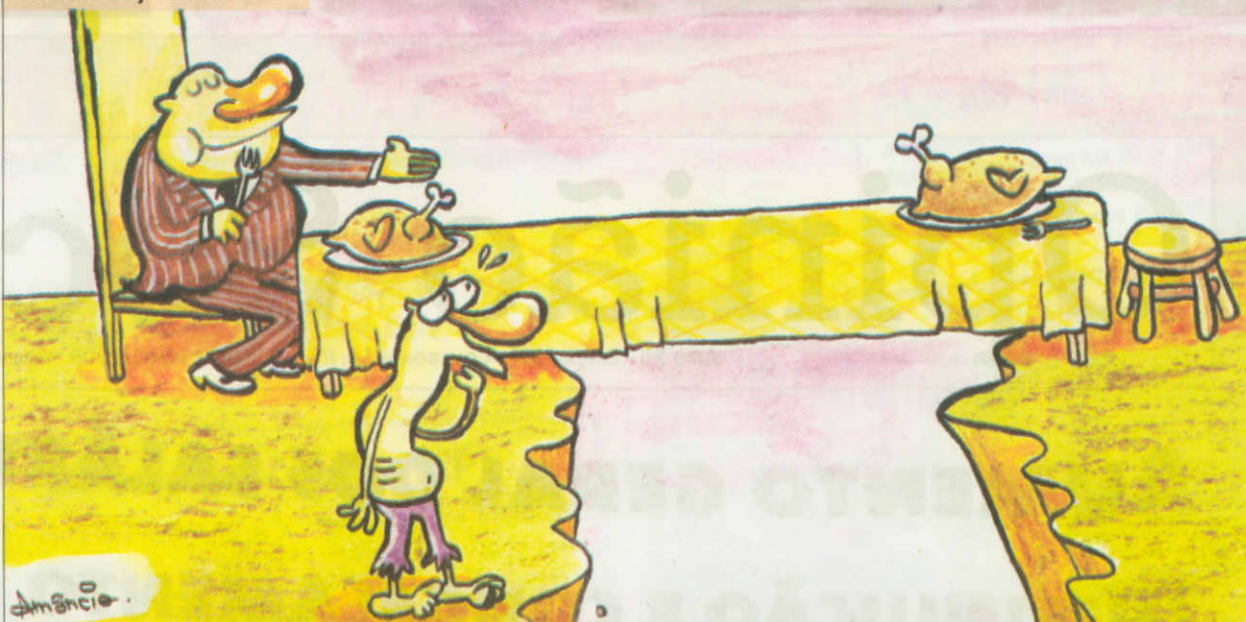
PÉROLA

Essa questão não é ilegal, não é imoral

CID GOMES (PSB), governador do Ceará, sobre a viagem de R$ 388 mil que fez à Europa em jatinho fretado com a esposa, a sogra e assessores.

DINHEIRO PARA 'HERÓIS'

Os usineiros de álcool elevaram em 565% os pedidos de crédito ao BNDES. A solicitação de empréstimos chegou a R$ 2,3 bi até abril. Até o fim de 2007, os empréstimos para o setor sucroalcooleiro somavam R$ 19,751 bilhões. De 2001 a 2007, o crescimento médio anual dos desembolsos para novos projetos de produção de álcool foi de 312,3%. Os números mostram o quanto o governo está comprometido com os usineiros, chamados de "heróis" por Lula.

CHARGE / AMÂNCIO

SEM ENSINO

Um em cada cinco pobres chega ao ensino médio. É o que mostra estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que comparou dados de escolarização no Brasil. A maior diferença foi observada em jovens de 15 a 17 anos matriculados no ciclo médio. Entre os 20% mais ricos da população, 77,2% freqüentavam o ensino médio. Na faixa dos 20% mais pobres, só 24,5%, uma distância de 52%.

DESOLADO

O presidente norte-americano, George W. Bush, tem se revelado desolado com o fracasso de sua política imperial. Amargando um dos piores índices de popularidade da história, o presidente revelou seus planos após passar quatro anos na Casa Branca. "Não tenho certeza do que farei depois...(da presidência). Quem sabe ganhe um prêmio na loteria?", disse Bush, que nunca perderá sua capacidade de falar besteiras.

SR. MORTE

O general francês Paul Aussaresses é um dos campeões de violações dos direitos humanos. Ex-agente do serviço secreto da França, veterano das guerras do Vietnã e da Argélia, Aussaresses colaborou com o regime militar no Brasil, ensinando aos oficiais técnicas de tortura e também de combate à guerrilha. Em uma entrevista à Folha de S. Paulo (5/5), ele revelou que o governo Médici forneceu armas e aviões para o golpe militar que derrubou o presidente chileno Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA fortaleza@pstu.org.br
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - vitoria@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA uberaba@pstu.org.br
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM belem@pstu.org.br
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-1909

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 91113259

PERNAMBUCO

RECIFE - Av.Monte Lazaro, 195- Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO rio@pstu.org.br (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE portoalegre@pstu.org.br
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - campinas@pstu.org.br
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho edcosta16@itelefonica.com.br
GUARULHOS - guarulhos@pstu.org.br
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 guarulhos@pstu.org.br
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 ribeiraopreto@pstu.org.br
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - (11)4339-7186 saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 sorocaba@pstu.org.br
SUZANO suzano@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 aracaju@pstu.org.br

A CRISE ECONÔMICA QUE SE APROXIMA E O CONGRESSO DA CONLUTAS

É preciso ver além das espumas de auto-elogios do governo por ter recebido o "grau de investimento" do capital internacional. Apesar de a economia no Brasil ainda estar crescendo, existem sinais extremamente graves da crise internacional que se aproxima. Os fatos são dramáticos: os governos imperialistas dão bilhões de dólares para evitar a falência dos bancos, enquanto a fome se espalha rapidamente com o aumento do preço dos alimentos.

No Brasil, o "grau de investimento" só mostra a alegria das multinacionais e dos bancos com o governo Lula. Não existe a mesma alegria para os trabalhadores mais explorados, que já não podem comer o feijão com arroz por causa do aumento dos preços. A vida fica ainda mais amarga com as doenças profissionais e acidentes de trabalho, que se generalizam devido ao ritmo de trabalho brutal que está sendo imposto pelos patrões nas empresas.

A crise vai chegando ao Brasil, mesmo que as pessoas ainda estejam iludidas com o crescimento atual. É necessário apontar um caminho de lutas para enfrentá-la, e a construção de uma nova direção para essas lutas.

É preciso lutar por aumento dos salários, assim como exigir o congelamento dos preços dos alimentos. A greve dos operários da construção civil de Fortaleza é um exemplo a ser seguido por outras categorias.

É necessário defender a redução da jornada de trabalho sem redução dos salários e direitos, sem banco de horas. A mobilização dos metalúrgicos da GM de São José dos Campos é uma referência importante para todos que queiram seguir esse caminho. Enquanto a CUT e a Força Sindical defendem a redução da jornada para negociar a aplicação do banco de horas, os metalúrgicos da GM rejeitaram essa proposta que a multinacional queria impor.

Os estudantes universitários retomaram sua luta neste ano com a ocupação vitoriosa da UnB, e apontaram a necessidade de continuar a luta contra o Reuni. Agora, no mês de maio, estão fazendo um plebiscito nacional contra o Reuni.

Para encaminhar estas lutas em todo o país, é indispensável uma direção unificada. Os sindicatos dos operários da construção civil e os metalúrgicos da GM de S. José são parte da construção da Conlutas, como alternativa ao peleguismo da CUT e da Força Sindical. Os estudantes que estão encaminhando o plebiscito contra o Reuni estão se propondo a construir uma nova entidade estudantil, como alternativa à UNE chapa branca. Muitos ativistas estão envolvidos em eleições sindicais em todo o país, com o objetivo de derrotar as direções governistas da CUT.

Todo o movimento sindical, estudantil, popular de luta está convocado ao Congresso da Conlutas, que será realizado no início de maio em Betim, Minas Gerais. Estarão presentes os ativistas que estão envolvidos nas principais lutas dos trabalhadores e estudantes de todo o país. A crise econômica que se anuncia torna ainda mais importante a construção de uma direção alternativa para as lutas dos trabalhadores.

Nesse momento, estão sendo realizadas assembléias em todos os estados para eleição dos delegados para o congresso. Você, que está lutando, integre-se na construção do Congresso da Conlutas. Traga sua entidade para discutir as teses e eleger os delegados.

KIT GAION

CINQÜENTONA, CHEIA DE BOSSA E SEMPRE NOVA

João Gilberto

Tom Jobim e Vinícius de Morais

Sílvia Telles

Nara Leão

WILSON H. SILVA, *da redação*

Em 1958, o mundo respirava ares bastante singulares. Os treze anos que haviam passado desde a II Guerra Mundial tinham sido suficientes para espalhar um clima de reconstrução e renovação – o que se expressava na onda de otimismo que varria o planeta. Contudo, as amargas lembranças do confronto, bem como o profundo questionamento do sistema que levou o mundo à guerra e deu origem a uma onda "democratizante" ou revolucionária, ainda sacudiam o mundo.

E eram exatamente as contradições que brotavam desta situação que contaminavam corações e mentes com ares carregados ao mesmo tempo de esperanças, desejo de mudança e dúvidas sobre os rumos que as coisas tinham tomado no decorrer da agitadíssima primeira metade do século 20.

Em terras tupiniquins, a história não era diferente. O "presidente bossa-nova" Juscelino Kubitschek guiava o país para os ilusórios "anos dourados", à custa do endividamento externo e do favorecimento das indústrias automobilísticas mundiais.

No campo cultural, contudo, as contradições nacionais não escapavam à sensibilidade dos artistas. 1958 foi o ano de lançamento de "Grande Sertão: Veredas", de João Guimarães Rosa, do surgimento das experiências poético-concretistas dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Ferreira Gullar. Também foi o ano em que Gianfrancesco Guarnieri levou aos palcos "Eles não usam black tie" e o Cinema Novo dava seus primeiros passos.

Foi nesse ambiente que a Bossa Nova nasceu e é somente neste contexto que é possível entender porque o movimento criado por João Gilberto, Vinicius de Moraes, Antonio Carlos Jobim e Luiz Bonfá, entre outros, se tornaria um dos mais importantes e influentes gêneros musicais, não só do Brasil, mas de todo o mundo.

'QUE COISA MAIS LINDA'

O termo "bossa" vinha de longe, do início da história do samba, em 1930, quando Noel Rosa compôs "Coisas nossas", exaltando "o samba, a prontidão e outras bossas". Nos anos seguintes, ele foi associado às falas improvisadas lançadas em meio às "paradinhas" típicas do samba de breque.

Mas foi somente no pós-guerra, quando uma nova geração de músicos mergulhou em ritmos associados à nova potência imperialista mundial, os Estados Unidos – em particular o jazz –, que a Bossa ganhou uma inicial maiúscula e tornou-se "nova".

Essa relação com o jazz e também com o rock norte-americano, no entanto, está longe de ser um sintoma de "aculturação" ou assimilação das manifestações culturais da nova potência hegemônica. Pelo contrário.

Primeiro, porque os "bossa-novistas" foram buscar sua inspiração exatamente naquelas margens que tanto incomodavam a cultura e o sistema ianque: os bares apinhados de negros, que viviam em guetos miseráveis cercados de racismo por todos os lados, e a musicalidade rebelde da juventude branca, que havia aprendido a dançar como negros, para o espanto de seus pais, que sonhavam em vê-los desfrutando os sonhos consumistas do "american-way-of-life" (modo americano de vida).

Segundo, porque os fundadores da Bossa Nova tinham deglutido e assimilado muito mais do que as influências jazzísticas. A Bossa Nova, exatamente por ter sido fecundada nos bares e apartamentos da classe média carioca, também nasceu nas sombras dos morros e seus ritmos e da mescla de tudo isso com a sofisticada bagagem cultural destes jovens.

Neste sentido, mais do que simplesmente espelhar uma visão "classe-média" do mundo, pode-se dizer que os bossa-novistas queriam jogar luz sobre aqueles aspectos mais "esperançosos" da vida. Ao invés da "dor-de-cotovelo" dos anos 1930 e 40, estes jovens se voltaram para as delícias do amor e uma visão de mundo mais livre e solta, que também se refletia em mudanças comportamentais, como as "escandalosas" roupas de banho que começavam a surgir nas praias cariocas.

Elis Regina

Uma liberdade que impregnou não somente os temas, mas também a própria estrutura das músicas. Foi navegando por influências que iam de Ary Barroso a Ravel, passando por Dolores Duran, Pixinguinha, Noel Rosa, Villa-Lobos e Debussy, que estes músicos compuseram os primeiros sucessos do movimento.

GANHANDO O MUNDO

Regada por todas essas influências, a Bossa Nova começou a tomar forma em bares e apartamentos (como o de Nara Leão) na zona sul do Rio por volta de 1957, quando começaram os encontros de músicos como Billy Blanco, Carlos Lyra, Sylvia Telles, Roberto Menescal, Sérgio Ricardo, João Gilberto e Ronaldo Bôscoli, entre outros.

Os encontros informais tornaram-se públicos, primeiro nas faculdades freqüentadas pela "moçada", depois nos bares do antológico Beco das Garrafas, em Copacabana. Para o grande público, esse novo jeito de fazer música ganhou forma na voz de Elizete Cardoso, em sua interpretação de "Chega de saudade", no LP "Canção de um amor demais", de Vinicius e Tom, lançado em 1958.

A partir daí, o movimento ganhou o mundo com incrível velocidade. Marco fundamental desta história foi o lançamento e premiação no Festival de Cannes, em 1959, do filme "Orfeu Negro", dirigido pelo francês Marcel Camus a partir da peça teatral escrita por Vinicius. A trilha sonora era composta por músicas como "A felicidade", "Manhã de Carnaval", "Tristeza" e "Se todos fossem iguais a você".

Outro impulso fundamental foi o histórico show realizado no teatro Carnegie Hall, em Nova York, em 1962, que abriu as portas para gravações antológicas pelos mestres do jazz Stan Getz e Charlie Byrd, seguidas por parcerias, principalmente de Tom Jobim, com monstros sagrados como Ella Fitzgerald e Frank Sinatra.

A BOSSA AINDA PULSA

Naquele momento, o movimento também começava a se "ramificar". Influenciados pelo discurso nacional-populista do Centro Popular de Cultura da UNE, músicos como Carlinhos Lyra, Edu Lobo, Francis Hime, Marcos Valle, Dori Caymmi e Nara Leão distanciaram-se um pouco da vertente jazzística e se aproximaram mais do morro e dos ritmos nordestinos, travando um criativo diálogo com bambas como Zé Ketti, Cartola, Nelson Cavaquinho e o nordestino João do Vale. Um dos marcos dessa vertente foi o disco "Afro-sambas", lançado por Vinicius de Moraes e Baden Powell em 1966.

Um pouco antes, em 1965, "Arrastão" (de Vinícius de Moraes e Edu Lobo), defendida por Elis Regina no I Festival de Música Popular Brasileira, daria início ao que conhecemos como MPB.

Mais do que "dissidências" ou rupturas, os muitos caminhos que a Bossa Nova tomou desde então são resultados de sua própria essência: a capacidade de incorporar novas sonoridades e ritmos.

No Brasil, décadas de padronização e rebaixamento das manifestações culturais fizeram com que a Bossa Nova passasse a ser vista como "música da elite". Um verdadeiro despropósito, ou uma "Insensatez", um dos títulos que é prova viva, lindamente ritmada e poeticamente vibrante, de que a cinqüentona continua cheia de bossa.

UM ENCONTRO PARA DEBATER E ORGANIZAR AS LUTAS DOS ESTUDANTES

LEANDRO SOTO, da direção nacional de Juventude do PSTU

Desde o início do governo Lula, a União Nacional dos Estudantes abandonou suas bandeiras históricas para assumir a defesa incondicional do governo e do mais audacioso ataque à universidade pública: a Reforma Universitária. Hoje, a UNE é uma filial do MEC no movimento estudantil e morreu para a luta dos estudantes.

Em contrapartida, o movimento estudantil combativo tem dado uma série de demonstrações de que continua vivo, firme e forte e atropelando a UNE. Esse novo movimento estudantil precisa se expressar em uma nova organização nacional dos estudantes.

No início de 2008, mais de cem estudantes representando dezenas de entidades se reuniram no Rio de Janeiro para começar o debate acerca dos rumos do movimento estudantil e da necessidade de uma nova entidade nacional dos estudantes. A reunião, convocada por DCEs, Centros Acadêmicos e Executivas de Curso, tinha como objetivo começar a organizar um debate que há muito vinha sendo realizado nas assembléias, congressos estudantis e encontros de área: como organizar o movimento estudantil nacionalmente, depois da falência da UNE, como instrumento de luta?

O processo de acúmulo em torno a este questionamento poderá avançar ainda mais no próximo período. Uma reunião em Brasília, dando continuidade à reunião do Rio, voltou a debater o tema e aprovou a construção de um Encontro Nacional dos Estudantes, atendendo ao chamado da Executiva Nacional dos Estudantes de Letras e dos DCEs da UFSC e da UEM.

O encontro será realizado no dia 2 de julho em Minas Gerais. O objetivo é construir um encontro nacional que possa debater e avançar em propostas para as nossas lutas. Além disso, o encontro deverá servir para que avancemos ainda mais no debate sobre uma nova organização nacional dos estudantes. Poderemos discutir a concepção de uma nova organização, seu funcionamento, como garantir a democracia e o controle das bases, sua relação com a luta dos trabalhadores, sua independência diante dos governos e autonomia em relação aos partidos, sua estratégia para a luta, entre outros assuntos. Isso é fundamental para que essa nova organização seja fruto de um amplo processo de debate e construção, no qual todos possam opinar e decidir.

Por isso, consideramos esse espaço fundamental para que possamos avançar na construção de uma nova ferramenta de luta, que reflita um novo movimento estudantil, democrático, controlado pelas bases, combativo e unido à luta com os trabalhadores. Todos ao Encontro Nacional de Estudantes!

Estudantes na ocupação da UNB

SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DO AMAPÁ SOFRE ATENTADO

ANA AUGUSTA CARDOSO, de Macapá (AP)

Na madrugada de domingo, 27 de abril, motorista e cobradores de ônibus do Amapá foram surpreendidos por um ataque ao prédio de seu sindicato. O objetivo dos covardes era incendiar o local alvejado com uma garrafa de gasolina (coquetel molotov). Felizmente, no exato momento do ato criminoso passava um transporte coletivo que recolhia trabalhadores rodoviários para levar as garagens de ônibus. Estes, vendo o principio de incêndio, correram ao local e usando extintor impediram que o fogo se alastrasse.

MOTIVOS DO ATAQUE

Nos últimos anos os rodoviários vem sofrendo um brutal ataque da patronal com a imposição de péssimas condições de trabalha e demissões sumárias de cipeiros e sindicalistas. Para se ter uma idéia até os pagamentos mensais são efetuados com cinco e até 10 dias depois da data do pagamento jogando qualquer lei trabalhista dentro do lixo.

O sindicato, filiado a Conlutas, vem reagindo a altura, parando as empresas quase que mensalmente e fazendo um trabalho de base minucioso nos terminais de ônibus e garagens no intuito de vencer os patrões.

Na semana do atentado a situação agravou-se ainda mais devido ao segundo mês consecutivo do atraso de pagamento. A empresa Cidade de Macapá e Garra, vanguarda nessa atrocidade foi paralisada por 48 horas. Nela juntou, além do problema citado, a irregularidade na transferência de suas linhas (itinerários) à outra empresa, Sião Tur, fato que está motivando demissão em massa dos trabalhadores.

Ao denunciar publicamente todos esses "esquemões", além da calamidade do transporte público na cidade, o sindicato passou a ser o centro da irá dos empresários.

WWW.PSTU.ORG.BR
Confira também as mobilizações dos rodoviários em Fortaleza (CE)

EDUCAÇÃO

GREVE DA EDUCAÇÃO NO PARÁ QUESTIONA GOVERNO DO PT

ABEL RIBEIRO, de Belém (PA)

Os profissionais da educação pública da rede estadual do Pará estão em greve por tempo indeterminado desde o dia 24 de abril. A greve é uma resposta ao governo de frente popular de Ana Júlia (PT) que, desde sua posse, apoiada pelo PMDB de Jader Barbalho, vem tratando a escola pública e os profissionais da educação da mesma forma que tratava os tucanos.

A "proposta" do governo é dar "aumento" diferenciado, sendo 6,5% para o nível superior, 9,25% para o nível médio e 10% para o nível elementar, combinado com um vale refeição de R$ 50. Os trabalhadores, que já acumulam perdas de quase 70%, defendem 30% de reajuste emergencial e R$ 400 de vale refeição. É importante ressaltar que o salário base desses trabalhadores é o mínimo e que qualquer aumento não incide sobre a totalidade dos vencimentos.

A greve é também por mais segurança e reforma nas escolas, plano de carreira e eleições diretas para diretor. Acabou a paciência com a governadora. Mesmo tendo votado majoritariamente em Ana Júlia, o sentimento de traição na categoria é grande. A greve já alcança 90% na região metropolitana e 70% em todo o estado, e a cada dia cresce a força do movimento. A última manifestação em Belém contou com a presença de mais de duas mil pessoas, demonstrando ao governo que os trabalhadores não vão recuar enquanto não tiverem suas reivindicações atendidas.

Outro fator muito importante na greve é o crescimento da Alternativa na Educação, grupo de oposição que congrega ativistas da Conlutas e que foi determinante para que a greve saísse, já que a direção do Sintepp, dirigida pela APS-PT, não garantiu uma efetiva mobilização. Isso demonstra que é possível construir uma direção independente do governo e de luta para o sindicato.

A greve segue forte. Muitos ativistas estão conhecendo a Conlutas e têm interesse em participar do congresso da entidade em julho.

UM PROGRAMA SOCIALISTA PARA ENFRENTAR A CRISE QUE SE AVIZINHA

O aumento dos preços dos alimentos é a primeira expressão, no país, da crise econômica internacional. Nessas páginas, queremos expressar quais devem ser, em nossa opinião, as propostas dos socialistas para enfrentar essa crise que se avizinha.

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

O capitalismo significa desigualdade em todos os momentos, mas é nas crises econômicas que apresenta sua face mais cruel. Enquanto os governos de todo o mundo se preocupam em salvar os grandes bancos quase falidos, dando a eles mais de US$ 600 bilhões, explode o preço dos alimentos, aumentando a fome no mundo.

Alguns desses bancos aplicam o dinheiro recebido na especulação com o preço dos alimentos. O resultado é que o preço do arroz duplicou nos três primeiros meses de 2008, causando a fome em muitos países. Como dizia Chico Science, os de cima sobem e os de baixo descem.

POR QUE OS PREÇOS DOS ALIMENTOS SOBEM?

O aumento de preços tem razões profundas e outras mais imediatas. É principalmente um reflexo da globalização na produção agrária em todo o mundo. As grandes empresas do agronegócio controlam o campo, o que leva a conseqüências muito sérias: o agravamento da concentração das terras (com a expulsão dos camponeses do campo) e a regulação dos preços dos alimentos pelo mercado mundial (o que encarece os produtos). No fim das contas, existe a perda da soberania alimentar dos países, que deixam de produzir a comida necessária para a população, dirigindo a produção para a exportação.

O crescimento da produção de biocombustíveis também aprofunda o problema. A produção de etanol no Brasil cresce rapidamente, diminuindo a área destinada à produção de alimentos.

A isso se agrega a especulação com os alimentos, conseqüência do início da crise, e o deslocamento dos capitais especulativos para este "filão lucrativo".

Isso é só o início de um processo que terá conseqüências bem mais graves, com a generalização da recessão econômica que começou nos EUA.

A FESTA DO GOVERNO E DAS MULTINACIONAIS

A economia ainda está crescendo, a crise econômica não explodiu. Ao contrário, a indústria automobilística nunca produziu e vendeu tanto e o país acaba de receber o "grau de investimento", dado pela Standard&Poor's.

Isso significa que as empresas multinacionais consideram o país um lugar seguro para investir e especular. E têm boas razões para isso: o Brasil é um paraíso para as multinacionais e os bancos. Os dois maiores partidos, PT e PSDB, têm o mesmo programa neoliberal. Lula vem aplicando as medidas econômicas iniciadas por FHC, e ainda mantém uma grande popularidade entre os trabalhadores.

No entanto, a economia brasileira também dá mostras de esgotamento: as contas externas estão vindo abaixo. As transações correntes saíram de um superávit nos últimos cinco anos para um déficit de US$ 10,7 bilhões nos três primeiros meses de 2008, o pior da história.

Isso é causado pela queda do superávit comercial (US$ 4,4 bilhões no primeiro trimestre de 2008 contra US$ 13,4 bi em 2007) e o aumento do envio de lucros das multinacionais para o exterior (US$ 8,6 bi em 2008, 118% a mais do que no ano passado).

DIEGO CRUZ

Aumento dos salários e aposentadorias! Diminuição e congelamento dos preços da comida!

Até agora, o povo vinha sendo enganado pelas declarações do governo de que o país não seria afetado pela crise. Mas o aumento dos preços dos alimentos está batendo forte no bolso. O arroz com feijão, comida básica dos brasileiros, está cada vez mais caro.

A radicalização está crescendo. Não é por acaso que vemos uma greve como a da construção civil de Fortaleza, onde os trabalhadores ganham R$ 400. É possível que isso ocorra com outras categorias em todo o país.

A primeira resposta para enfrentar a crise é o aumento dos salários e aposentadorias! Junto com isso, temos que exigir do governo a diminuição e o congelamento dos preços da comida!

DIEGO CRUZ

PSTU NÃO AO AUMENTO DO PREÇO DOS ALIMENTOS

(Ao lado) Mulher segura o panfleto nacional do PSTU no ato do 1o de maio em São Paulo. (Acima) Ato em Fortaleza dos trabalhadores da construção civil.

Pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários e direitos

Existe uma revolta cada vez maior com o ritmo de trabalho imposto pelos patrões. A burguesia exige horas extras que muitas vezes não são pagas, através do banco de horas. Estão impondo metas duríssimas para aumentar a produção sem contratar novos trabalhadores, com ameaça de demissão. Diminuem o tempo de almoço, de ir ao banheiro, das folgas. O assédio sobre as trabalhadoras é um instrumento auxiliar nessa superexploração.

As conseqüências são terríveis: o Brasil registrou 491.711 acidentes de trabalho em 2005, contra 465.700 em 2004. Segundo o próprio Ministério da Saúde, o número pode ser três vezes maior.

Além disso, estão se generalizando as chamadas Lesões por Esforços Repetitivos, doenças que afetam grande parte dos trabalhadores, como tendinites, bursites e outras manifestações, que podem levar à incapacidade.

É fundamental exigir que o governo Lula reduza a jornada de trabalho para 40 horas, sem redução de salários e direitos. Isso daria melhores condições de trabalho para os que já estão empregados e obrigaria as empresas a contratar mais trabalhadores.

Além disso, a redução da jornada será ainda mais importante quando vier a recessão, para garantir o emprego.

Que Lula retire imediatamente as tropas do Haiti!

A situação interna do Haiti se modificou com a revolta dos famintos em abril. A população se rebelou contra o aumento do preço do arroz e foi reprimida duramente pela Minustah (comandada pelas tropas brasileiras). Existem seis mortos comprovados e Batay Ouvriyé denuncia que são muitos mais. A mancha de sangue dos haitianos mortos não sairá jamais da história de Lula e do PT.

Queremos que o governo retire imediatamente as tropas brasileiras do Haiti. Chamamos todos os sindicatos, entidades estudantis e populares, assim como todos os partidos que se dizem de esquerda, a também se pronunciar pela retirada.

Contra o fator previdenciário

O Senado aprovou a abolição do fator previdenciário, que foi imposto pelo governo FHC. O PT e Lula, quando estavam na oposição, denunciavam essa medida, porque ela reduz o salário em 40% de quem se aposenta antes de determinada idade.

Agora, o governo e o PT estão querendo revogar a decisão do Senado, votando novamente na Câmara de Deputados o fator previdenciário. Isso atinge não só os aposentados, mas também os que pensam em se aposentar nos próximos anos.

Exigimos que o governo acabe com o fator previdenciário e que a CUT e a Força Sindical se mobilizem por isto.

Reforma agrária com a expropriação do agronegócio para produzir alimentos!

O aumento dos preços dos alimentos é mais uma demonstração de que o controle das grandes empresas do agronegócio sobre o campo brasileiro significa um retrocesso para os trabalhadores. Os enormes lucros das grandes empresas têm como conseqüência a expulsão dos camponeses de suas terras e o aumento dos preços dos alimentos.

É preciso exigir do governo a expropriação das empresas do agronegócio para a produção dos alimentos necessários para o povo. A reforma agrária tem que ser parte desse plano, com a distribuição das terras para os trabalhadores que nela quiserem produzir, e também a formação de grandes empresas estatais no campo. Chamamos o MST a romper com o governo para lutar mais fortemente pela reforma agrária.

Não pagar a dívida para investir em saúde e educação

A epidemia da dengue no Rio de Janeiro é mais uma expressão da crise da saúde pública, devido ao corte de verbas e avanço da privatização. Isso está associado ao pagamento da dívida interna e externa, que consumiu R$ 237 bilhões em 2007. A saúde ficou com apenas R$ 40 bilhões. Os governos estadual e municipal aplicam a mesma lógica: o governador do estado, Sérgio Cabral (PMDB), reduziu em 48,6% os gastos com a prevenção e combate à dengue para este ano.

É preciso exigir do governo o não pagamento das dívidas interna e externa, para poder investir em saúde e educação do povo brasileiro.

Por um governo socialista dos trabalhadores

A maioria dos trabalhadores ainda acredita no governo. Lula ainda capitaliza a combinação entre o peso de sua figura, o crescimento econômico e o apoio da CUT, da UNE e do MST. Esse apoio, porém, é diferente do que acontecia no primeiro mandato. As expectativas de mudanças são menores, mas ainda se acredita que as pequenas conquistas do crescimento econômico são porque Lula "veio do povo".

É nossa obrigação dizer que o governo serve, na verdade, aos interesses da grande burguesia. Defendemos um governo socialista dos trabalhadores, que garanta salário, trabalho e terra.

Um governo que rompa com o imperialismo, exproprie as multinacionais e os bancos, para evitar as brutais conseqüências sociais da crise econômica que se avizinha. Um governo que deixe de pagar as dívidas interna e externa para investir em saúde e educação. Um governo que promova a reforma agrária, expropriando as grandes empresas do agronegócio e produzindo, em primeiro lugar, os alimentos que o povo necessita.

UM CHAMADO À CUT E À FORÇA SINDICAL

A CUT e a Força Sindical lançaram uma campanha pela redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas. Estão encaminhando um abaixo-assinado (falam em um milhão de assinaturas) como forma de pressão sobre o Congresso. Isto inclui alguns atos e um dia de mobilização nacional, dia 28 de maio.

Nós fazemos um chamado a essas centrais para que essa campanha seja pela redução da jornada, sem redução dos salários e direitos. Até agora, não tem sido assim.

Como essas centrais têm um compromisso direto com o governo e os patrões, estão conduzindo essa campanha como uma negociação que pode levar a mais perdas para os trabalhadores. Estão aceitando o banco de horas e apoiando os patrões com a redução dos gastos trabalhistas (a "desoneração na folha de pagamentos") e "incentivos fiscais".

Para convencer os empresários, o Paulinho da Força Sindical propõe: "O governo tira os impostos da folha de pagamento e, na prática, paga o custo da redução". Segundo Feijó, diretor executivo da CUT: "Não há discordância sobre a necessidade de desoneração da folha de pagamentos".

Além disso, Mangabeira Unger, Ministro dos Assuntos Estratégicos, divulgou um documento propondo o início da reforma trabalhista, que inclua exatamente a desoneração da folha de pagamentos das empresas, com a redução do pagamento à Previdência.

Portanto, ao contrário das aparências, a CUT e a Força Sindical não estão encaminhando uma campanha pela redução da jornada de trabalho, mas uma negociação com os patrões e o governo que já está conduzindo ao banco de horas e pode desembocar numa reforma trabalhista.

Chamamos a CUT e a Força Sindical a encaminhar uma verdadeira campanha pela redução da jornada, contra o fator previdenciário, sem redução de salários e direitos e sem banco de horas. A luta dos trabalhadores da GM é um exemplo, porque recusaram a flexibilização dos direitos que a multinacional queria.

A proposta que o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos está discutindo é a de realizar mobilizações no dia 28 de maio para sua campanha e defender um outro programa, o da luta dos trabalhadores contra os patrões e o governo, e pela redução da jornada.

Um programa para enfrentar a crise

Aumento geral de salários e aposentadorias!
Exigimos de Lula a diminuição e o congelamento dos preços dos alimentos!
Redução da jornada sem redução dos salários e direitos, sem banco de horas!
Todo apoio à luta dos metalúrgicos da GM!
Pelo fim do fator previdenciário!
Abaixo o REUNI!
Pela reforma agrária, com expropriação das empresas do agronegócio!
Não pagamento das dívidas interna e externa!
Em defesa dos servidores e do serviço público! Mais verbas para a saúde!
Contra as reformas da previdência e trabalhista!
Exigimos que Lula retire as tropas brasileiras do Haiti!
Por um governo socialista dos trabalhadores, que rompa com o imperialismo, evitando as conseqüências da crise que se aproxima, e assegure salário, trabalho e terra!
Para encaminhar essas lutas, todos ao congresso da Conlutas!

QUANDO OS OPERÁRIOS SE LEVANTAM

DIEGO CRUZ

A greve da construção civil de Fortaleza (CE), forte e radicalizada, mostrou o cotidiano de exploração dos operários, que convivem com salários miseráveis. Em março, após semanas de negociação, os patrões chegaram a declarar: "A greve é inevitável", mostrando que não iriam dar um reajuste maior, mesmo com um crescimento de 10% do setor. Enquanto fechávamos esta edição, a "Greve do Peão" caminhava para seus momentos decisivos, podendo culminar numa vitória dos trabalhadores. Nestas duas páginas, o enviado especial do Opinião Socialista, DIEGO CRUZ, conta como foram esses 15 dias de luta dos trabalhadores, que provam que só a luta pode arrancar conquistas.

Não é mole não, a vida de peão

Nosso repórter acompanhou um dia de um operário na greve da construção civil. No cotidiano de Valdir, a força da greve e a realidade de toda a categoria, que vive "no osso", enquanto os patrões aproveitam o crescimento do setor para enriquecer ainda mais

José Valdir da Silva, ou simplesmente Valdir, tem 38 anos e trabalha desde 1991 na construção civil de Fortaleza. No dia 28 de abril, segunda-feira, Valdir, como faz todos os dias, acordou às 4h30 da manhã para um banho rápido e o ônibus lotado do Terminal Siqueira. Todos os dias, ele segue para o canteiro de obras administrado pela empresa Diagonal, onde trabalha ao lado de 200 outros operários. Porém, nesse dia, ele não foi trabalhar. Como vem fazendo desde o dia 22 de abril, Valdir foi à luta.

Ao chegar em seu canteiro de obras, Valdir já encontra o pessoal do sindicato fazendo piquete e reunindo os operários. Os diretores chegam à sede do Sindicato da Construção Civil por volta das 5h da manhã. Cada diretor fica responsável por um piquete, com um carro de som. Por volta das 7h30, dezenas de operários já se reúnem em frente ao canteiro. Os trabalhadores saem, então, em caminhada pela cidade, atraindo olhares curiosos das pessoas que passam pelas calçadas. *"1, 2, 3, 4, 5, mil, quem pára Fortaleza é a construção civil!"*. Os ônibus passam ao lado e buzinam para a passeata de operários.

Os peões não se incomodam com o sol que vai esquentando, no forte calor de Fortaleza. Estão acostumados a trabalhar desde o mais insuportável calor aos dias de forte chuva, que costuma desabar nessa época do ano. O grande número de hotéis luxuosos que cercou o litoral nos últimos anos, grande parte fruto de investimentos estrangeiros, bloqueia a brisa do mar e ajuda a tornar o clima sufocante.

SALÁRIO CURTO

Muitos trabalhadores caminham sem camisa devido ao calor. Outros tantos vestem a do Fortaleza, time que, no dia anterior, vencia o Horizonte nos pênaltis na semifinal do estadual e que acabou conquistando o título na semana seguinte. Horizonte é uma cidade operária da região metropolitana de Fortaleza. Valdir, apesar de cearense, é são-paulino. Ele, porém, nunca viu o São Paulo jogar, a não ser pela TV. Os jogos são à noite. Em geral, os operários da construção civil chegam do trabalho quando o juiz apita o início do jogo.

O maior sonho de Valdir é assistir a um jogo do São Paulo no Morumbi. Um sonho distante para a massa de operários que amargam baixos salários e enfrentam uma inflação que corrói cada vez mais o poder de compra dos trabalhadores. Há mais de dez anos, Valdir conseguiu comprar uma TV e uma geladeira, a longas prestações. Porém, hoje, se a TV quebrar, ele não vai poder nem ver os jogos. *"Nossa situação tá apertada, o dinheiro que a gente ganha é pouco, tem que se virar"*. O que Valdir mais sente nos últimos anos é a inflação e o salário que não a acompanha.

O piso salarial de um servente da construção civil, o menor da categoria, é de apenas R$ 415. Os patrões propõem reajuste de apenas 8%, e índices menores para as outras categorias, como semi-profissionais (assistentes, eletricista) e profissionais (carpinteiros, pintores, ferreiros etc.).

Além disso, é cada vez maior a pressão para que também trabalhem aos sábados. Apesar de atualmente não ser obrigatória, as empresas querem colocar a jornada aos sábados na convenção de trabalho. *"Um camarada meu faltou num dia de trabalho no sábado e aí na segunda o mestre de obras foi reclamar com ele, que respondeu que foi fazer um curso e não era obrigado a trabalhar aos sábados. O mestre só respondeu: 'Pois bem, também não sou obrigado a te manter empregado aqui, pegue suas coisas'"*, conta um operário.

MUITO POUCO A PERDER

As várias passeatas que saem dos piquetes se unificam na Praça Portugal, no bairro da Aldeota, rodeado de prédios luxuosos e shoppings centers. Centenas de operários já estão na praça quando a passeata de Valdir chega. Eles gritam e levantam o punho, saudando os companheiros. O sindicato, com a ajuda de um caminhão, distribui pão com rapadura aos trabalhadores, tradição em todas as greves da categoria.

"OS TRABALHADORES PERCEBEM QUE, COM SUA

A greve do peão de Fortaleza se transformou num grande exemplo para os trabalhadores de todo o país. Se por um lado expôs a insensibilidade dos patrões, por outro mostrou a força da classe operária. Os trabalhadores enfrentam nas ruas a imprensa reacionária, a polícia e as empresas. O Opinião Socialista conversou com o diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Fortaleza, Francisco das Chagas Gonzaga, ou simplesmente Gonzaga, como é conhecido, que falou sobre a tradição de luta dos operários da construção civil de Fortaleza e de como ainda estão vivas as lembranças de outras greves, como a de 1995.

O que foi o estopim para a greve?

Gonzaga – A greve desse ano já vinha sendo construída há algum tempo. Essa categoria tem uma tradição de luta muito grande. Em 2003 e 2004 fizemos greve contra o banco de horas. Há dois anos assinamos contrato coletivo sem greve e a própria categoria dizia: *"Tem que ter greve, nesse ano tem que ter greve, porque estamos perdendo"*. A partir disso começamos a preparar uma pauta de reivindicação, com seminários. Negociamos o mês de março inteirinho, desde o dia 29 de fevereiro. Mas a patronal, depois de muita conversa, veio com essa proposta de 8%, que representa R$ 7 reais acima do mínimo de um servente. O reajuste de todos os pisos são todos menores que no ano passado. O trabalhador percebe que tudo vai aumentando. A cesta básica hoje em Fortaleza é uma das mais caras do Brasil. O trabalhador começa a ver isso: o feijão, o arroz, o pão... O salário começa a não dar mais.

Sob o sol mais forte do meio-dia, os trabalhadores se reúnem em assembléia. A negociação com a patronal recém terminara e os diretores do sindicato apresentam o resultado aos peões. Nada de novo. A revolta é grande. Boa parte da categoria é jovem, radicalizada e cheia de expectativa de dias melhores. Vêem os prédios de luxo subindo e sua vida na mesma miséria.

O sentimento de impotência do operário, porém, deu lugar a uma valentia notável. Momentos antes, em um dos piquetes, um policial sacou a arma e atirou para o alto. Esperava que os operários fugissem. Mas eles, ao contrário, partiram para cima da polícia, que teve que recuar. Os operários percebem que, unidos e organizados, podem enfrentar as empresas e a polícia. Com muito pouco a perder, não temem nada.

Os trabalhadores ouvem atentamente os diretores do sindicato. *"Os patrões estão pagando pra ver, pois vão ver nossa greve forte até o fim, vamos precisar estocar rapadura"*, afirma um dos diretores do sindicato, sendo aplaudido pelos peões, que aprovam por unanimidade a continuidade da greve. *"Com pão e rapadura, a greve continua!"* é a palavra de ordem que encerra a assembléia de uma das maiores e mais radicalizadas greves do país.

Valdir pega a passagem de ônibus dada pelo sindicato, já que os peões não as recebem durante a greve, para voltar para casa. Pega também a do dia seguinte, pois a greve continua.

O dia a dia da greve

10 de abril
Assembléia com dois mil operários na sede do sindicato indica a greve para o dia 22. Os trabalhadores reivindicam 15% de reajuste, mas os patrões acenam com apenas 5,95%

22 de abril
Começa a greve em Fortaleza. Milhares de operários saem em passeata pelas ruas da cidade, reunindo-se em assembléia na Praça Portugal, na Aldeota, um dos bairros mais caros da cidade

23 de abril
Os patrões tentam esvaziar a greve e pedem aos trabalhadores que compareçam só depois do meio-dia. A manobra não dá certo e a greve continua forte e radicalizada

28 de abril
Patrões continuam intransigentes diante das negociações e ameaçam apelar à Justiça. A greve, porém, prossegue em sua segunda semana.

1 de maio
Trabalhadores em greve e outras categorias em luta participam do 1º de maio independente e de luta

2 de maio
Nova negociação. Patrões sentem a greve e recuam. Apesar disso, ainda não apresentam proposta suficiente aos trabalhadores, insistindo no desconto dos dias parados. Greve continua e novas negociações são marcadas para o dia 6, terça-feira

O símbolo da greve

DIEGO CRUZ

O pão com rapadura já é um símbolo da greve da construção civil. Durante a campanha salarial, os próprios operários anunciavam a disposição para a greve. *"Esse ano vamos comer pão com rapadura"*, diziam. Mas como surgiu essa tradição entre os operários de Fortaleza? *"Essa história de pão com rapadura começou em 1995, durante a greve"*, revela Gonzaga, diretor do sindicato. *"Discutíamos como levar a refeição para os trabalhadores, se era quentinha, marmita... aí alguém falou pão com rapadura"*, diz.

Na época, a prefeitura fazia campanha para ter rapadura nas merendas escolares, idéia que inspirou os operários, já que é prático para levar. *"Alguém até falou que os operários não iriam querer comer pão com rapadura, mas colocamos em votação e a proposta ganhou"*, relembra. Hoje, a dupla pão e rapadura é disputada pelos piqueteiros.

Um exemplo de solidariedade

Com o entusiasmo diário nos piquetes, militante do PSTU se torna referência no apoio à greve

A estudante Rute Araújo é militante do **PSTU** há quase um ano. Mulher e negra, ela desafiou a descriminação e foi à luta com os trabalhadores da construção civil, assim como as dezenas de militantes do partido que comparecem aos piquetes. A forte presença com panfletos, faixas e o **Opinião Socialista** fez com que o partido sofresse ataques da imprensa da cidade.

Em todos os dias da greve, Rute acordava ainda de madrugada e ia para os piquetes com os peões. Animada, ela se tornou referência na categoria, puxando palavras de ordem em solidariedade à greve e contra os patrões. Na hora dos discursos, a presença de Rute era reivindicada pelos peões e uma das mais aplaudidas.

"Milito no setor de educação, mas a gente também atua em outros setores,aonde tem mobilização, principalmente no setor operário. A gente aprende muito, porque trabalhador não é burro. Trabalhador tem consciência da sua situação, tem consciência de sua dificuldade", afirma Rute. *"São esses operários que serão os condutores da revolução"*, completa.

Mas e o machismo, numa categoria composta majoritariamente por homens? *"O machismo é reflexo da mídia e educação dos operários. A gente dialoga com eles, pra eles trazerem suas mulheres e filhas para a luta também"*, explica Rute.

FORÇA, É POSSÍVEL DERROTAR OS PATRÕES"

Essa greve tem sido muito radicalizada. Por que isso ocorre?

Gonzaga – Temos hoje uma categoria jovem, uma juventude muito grande. Então ela tem muita disposição de luta, muita garra, e também uma perspectiva de vida. Qual o jovem que trabalha hoje e ganha pouco não pensa em melhorar seu salário? Muitos têm ensino médio e tem na construção civil seu primeiro emprego, quer dizer, tem muita vida pela frente e não aceitam esse salário miserável.

Qual sua avaliação da greve até agora?

Gonzaga – É muito positiva. Fazendo uma comparação com futebol, aqui temos o Horizonte, que pela primeira vez chega ao campeonato estadual. Então, não desprezamos a nossa força, mas a patronal nos menosprezava. Eles trabalham com a Justiça, a polícia, o governo, então, o patrão não acreditava muito que os trabalhadores fossem ganhos para essa proposta de luta. Hoje, depois de duas semanas, a disposição de luta continua com muita força. É até maior. Os trabalhadores percebem que por sua luta, através de sua força, é possível derrotar os patrões.

O peão constrói um hotel, um resort de luxo que nunca poderá usufruir. Ao mesmo tempo em que o setor cresce, os salários não aumentam. Esse foi um dos motivos para a radicalização da greve?

Gonzaga – A origem do trabalhador da construção civil é o campo. Nós viemos do campo, da roça. O engenheiro, então, é o "doutor". O mestre também. A gente costuma pensar que trabalhar é só receber ordens. Mas muitos trabalhadores moram na periferia e na favela, e quando ele entra numa luta em que sente a firmeza do conjunto, ele se fortalece. E é um trabalhador que não tem nada a perder, que sabe se virar. Sabe plantar, sabe colher feijão. Quando ele é desafiado, ele se fortalece. Fizemos uma greve em 95, com muita repressão, e que durou 20 dias úteis. Não podíamos colocar o carro do sindicato pra fora que a polícia prendia. Arrumava qualquer motivo pra prender. Então, a história dessa categoria é de luta, de radicalização. A categoria diz hoje: "se não tiver nada, vamos continuar que nem em 95". Porque boa parte dessa categoria era adolescente naquela época e os pais contavam como a gente fazia greve, como naquela época não tinha uniforme, não tinha água gelada nos canteiros, e que tudo isso foi conquistado através da greve.

CMI CBBA

O que não sai na televisão: milhões nas ruas de La Paz contra o referendo.

BOLÍVIA DEPOIS DO REFERENDO AUTONÔMICO DE SANTA CRUZ

NERICILDA ROCHA, de La Paz

No dia 4 de maio, o referendo sobre os Estatutos Autonômicos do departamento (estado) de Santa Cruz provocou fortes mobilizações dos trabalhadores bolivianos nas cidades de La Paz, El Alto, Cochabamba, Oruro e Potosí.

Enquanto ocorria a votação em Santa Cruz, organizações como a COB, a COR de El Alto, a CSUTCB (Confederação dos Camponeses), as juntas vecinales (associações de moradores) e os indígenas encabeçaram mobilizações gigantescas contra os estatutos. Em El Alto, era impossível caminhar nas ruas por causa da multidão. Em La Paz, uma gigantesca maré humana tomou conta da cidade.

As mobilizações começaram em 1° de maio e continuaram no dia 2, com uma mobilização no município de San Julián, em Santa Cruz. Contudo, o auge dos protestos foi no domingo, dia 4. A imprensa fala em 1,5 milhão de pessoas protestando em todo o país.

O QUE SÃO OS ESTATUTOS AUTONÔMICOS?

Os Estatutos Autonômicos são um projeto de autonomia do departamento de Santa Cruz em relação ao governo central. Segundo os estatutos, as autoridades departamentais (a oligarquia de Santa Cruz) teriam total controle sobre as terras e os recursos naturais. Por exemplo, o artigo 109 confere ao governador poder absoluto sobre as terras: *"o Governador validará todos os títulos agrários que comprovem a propriedade sobre a terra e estejam localizados dentro da jurisdição do Departamento Autônomo de Santa Cruz"*. Já o artigo 86 estabelece: *"os recursos naturais renováveis, sua utilização e gestão ambiental estão a cargo do governo departamental"*. Por trás das reivindicações de *"maior democracia e autonomia"* está a disputa por uma relação comercial mais direta com o imperialismo e as transnacionais, para garantir uma fatia maior dos lucros.

REPÚDIO À AUTONOMIA

Até agora, a imprensa divulgou que, do total de eleitores, 86% votaram pelo "Sim" e 14% pelo "Não". No entanto, a abstenção foi de 39%.

Assim, se somarmos o total de abstenções com os votos pelo "Não" teremos 53% de eleitores que são contrários aos estatutos.

Sem dúvida, o resultado mostrou que a burguesia não obteve o resultado esperado, diante da enorme campanha que fez pelo "Sim". Além disso, o referendo tinha um caráter ilegal. Pela atual Constituição do país, somente a Corte Nacional Eleitoral ou o governo nacional podem convocar referendos.

Nos municípios de San Julián, Yapacaní e Cuatro Cañadas (de maioria camponesa e indígena), não houve votação, porque a população não permitiu a instalação das urnas, e algumas inclusive foram queimadas. Em Camiri (região ao Sul de Santa Cruz, onde houve recentemente uma forte greve exigindo do governo Evo Morales a nacionalização do campo petrolífero da região controlado pela espanhola Repsol), o repúdio aos estatutos chegou a 64,5% (42,6 % se abstiveram e 21,9% disseram "Não").

A burguesia de Santa Cruz anunciou o resultado como uma vitória esmagadora, tentando ocultar que muitos se abstiveram por não reconhecer o referendo. Na verdade, houve uma forte reação popular, principalmente nos municípios mais pobres, onde a média de boicote foi de 46,8%.

Esse resultado tem grande importância se considerarmos que, nos últimos dias, Santa Cruz foi a capital do "terror". Houve ameaças de perda de emprego e de proibir a abertura de conta bancária para quem boicotasse o referendo.

O presidente do Comitê Cívico de Santa Cruz, o empresário e latifundiário Branco Marinkovich, anunciou que o salário mínimo no departamento seria de 1000 bolivianos se o estatuto fosse aprovado (o salário na Bolívia é de 575 bolivianos). Entre o terror e a promessa, a burguesia conseguiu avançar em sua hegemonia nos setores da capital do departamento, mas teve grande dificuldade nos setores mais pobres.

É preciso considerar, ainda, que os resultados divulgados foram fiscalizados somente pelas entidades que organizaram o referendo, como a prefeitura, o comitê cívico e a união juvenil (todos defensores do "Sim"). Houve denúncias de fraude, como cédulas que já continham o "Sim" no maior lugar de votação dentro da capital, o que gerou conflitos.

MORALES TENTOU IMPEDIR PROTESTOS

Mas as mobilizações que tomaram a Bolívia contra os Estatutos Autonômicos também representaram uma derrota para Evo Morales. Depois de fazer diversos pactos e acordos com os partidos da direita durante a Constituinte, de apostar num fracassado diálogo com os governadores (que só fortaleceu a oposição burguesa), o governo e a direção do MAS (Movimento ao Socialismo) ordenaram às suas bases camponesas e operárias, às vésperas do referendo, que não realizassem mobilizações nem enfrentamentos.

A ordem do governo era um "boicote silencioso" ao referendo. Três dias antes, o governo anunciou novas nacionalizações, com o objetivo de manter seu prestígio junto às massas.

Contudo, as bases das organizações populares, movidas pelo forte sentimento de ódio, não acataram as ordens do presidente e impuseram às suas direções as grandes mobiliza-

O QUE VAI ACONTECER AGORA?

GOVERNO TENTA novas negociações com a direita

Depois de Santa Cruz, serão realizados novos referendos nos departamentos de Beni e Pando, marcados para junho. O curioso é que, antes mesmo de sua realização, tanto os representantes da burguesia de Santa Cruz quanto o governo Morales já falam sobre negociar como os estatutos serão implementados na prática.

De um lado, a burguesia pressiona para criar um governo com maior controle sobre os recursos do departamento, incluindo os recursos naturais, com maior poder de negociação diretamente com o imperialismo e, claro, se atrincheirar em seus departamentos para avançar em uma oposição nacional ao governo Morales.

Evo, por sua vez, propôs a não realização dos referendos para unificar a nova proposta de Constituição (que será submetida a um plebiscito popular). Mas o presidente boliviano ouviu de suas próprias bases, como as organizações indígenas, que os dois projetos são incompatíveis.

Todos os setores da classe trabalhadora, os camponeses e até a juventude têm uma sede de mobilizações que derrote a burguesia da Media Luna. Esta é a maior dificuldade que o governo Evo terá que administrar agora. Na contramão do sentimento das massas, o presidente já chama a oligarquia de Santa Cruz para negociar.

A unidade da Bolívia exige a derrota do projeto político dos latifundiários, das transnacionais e da burguesia da Media Luna. Esta conquista só será alcançada com fortes mobilizações nacionais. O que falta é uma direção classista que empalme o sentimento de luta das bases, mobilize contra a direita e construa uma alternativa ao governo de Evo Morales e o seu partido, o MAS.

As novas nacionalizações de Evo Morales

No dia 1° de maio de 2006, o governo boliviano anunciou o Decreto da Nacionalização dos Hidrocarbonetos (petróleo e gás). A essência do decreto era que *"o Estado recuperaria a propriedade, a posse e o controle total e absoluto dos hidrocarbonetos do país (...) As empresas que operam na Bolívia devem entregar à YPFB (estatal boliviana) a totalidade de sua produção, para que a estatal assuma o monopólio da comercialização. O Estado deve tomar o controle e a direção da cadeia produtiva"*. Algumas semanas depois, o governo baixou outro Decreto: *"As empresas Andina (Repsol), Chaco (Amoco-British Petróleum) e a transportadora Transredes (Enron-Shell,) privatizadas por Goni, deverão passar à propriedade da YPFB"*.

No entanto, o governo boliviano utilizou o decreto apenas para renegociar os valores pagos às transnacionais pelo gás, elevando muitíssimo a arrecadação do Estado através do IDH (Imposto Direto dos Hidrocarbonetos). O governo não levou a diante o projeto de a YPFB ter o controle e a direção da cadeia produtiva. Também não houve avanço em nacionalizar as empresas que foram privatizadas (Andina, Chaco e Transrede).

Existe muita indignação com o governo. Setores dos trabalhadores e técnicos no assunto comprovam que não houve uma verdadeira nacionalização. Um dos autores do Decreto da Nacionalização e ex-ministro de hidrocarbonetos de Evo, Andrés Sólis Rada, afirma que há um retrocesso no próprio decreto em função das crescentes empresas mistas (parceria com as transnacionais), dos novos acordos firmados com a Petrobras e da não reestatização das empresas privatizadas.

As novas nacionalizações petrolíferas anunciadas seguem o modelo das empresas mistas. Ou seja, o governo comprou ações destas empresas, dando ao Estado o controle de 50% mais um das ações, enquanto as transnacionais seguirão controlando 48% das ações.

O presidente de YPFB, Santos Ramírez, informou que o governo pagará US$20 milhões pela compra de ações da CLHD, US$ 12,6 milhões pela Transredes, US$ 4,8 pela Chaco e US$ 6,2 milhões pela Andina a Repsol.

Por outro lado, recentemente ocorreram greves, como a dos trabalhadores de Camiri, cuja exigência era a nacionalização do campo petrolífero da região, operado pela transnacional Repsol, maior acionista da Andina. A mobilização dos trabalhadores obrigou o governo Evo a nacionalizar a empresa.

Uma outra nacionalização anunciada foi a da companhia telefônica Entel, filial da italiana Telecom, cuja dívida com o Estado é de US$ 645 milhões. Com o decreto, o governo passa a ter o controle de 100% das ações de Entel e agora está negociando uma indenização para a multinacional.

O anúncio das novas nacionalizações no 1° de maio criam, para alguns setores dos trabalhadores, expectativas de que o governo está avançando. Outros setores, entretanto, criticam o governo por suas limitações, por se tratar de compras, indenizações etc. O fato é que, sob pressão das mobilizações e o fogo cruzado da oposição burguesa, o anúncio de novas nacionalizações dão um pouco mais de fôlego ao governo Evo. A questão é até quando.

"Cívicos vendidos", "Morram os neoliberais"

SAIBA MAIS

O QUE É A 'MEDIA LUNA'

• A região da Media Luna (meia lua) boliviana é composta pelos departamentos de Santa Cruz de la Sierra, Tarija, Beni e Pando. É onde estão localizadas as grandes reservas petrolíferas e as plantações de soja, e outros investimentos do imperialismo (EUA e Espanha). O departamento de santa Cruz é responsável por 30% do PIB da Bolívia.

O Decreto sobre o desarmamento da população

O sentimento de repulsa ao projeto da burguesia de Santa Cruz motivou vários protestos na semana anterior ao referendo. Percebendo que havia um movimento maior com o intuito de chegar a enfrentamentos físicos por parte da direita de Santa Cruz, expresso em declarações da União Juvenil Crucenista (braço armado dos empresários e latifundiários), alguns setores da classe trabalhadora reagiram.

O Sindicato mineiro de Huanuni, através de uma declaração pública, solicitou armas ao governo Morales, para se defender das agressões da burguesia de Santa Cruz. Outras organizações também assinaram a solicitação. O governo, porém, respondeu com um decreto, que prevê um plano de desarmamento da população civil.

Indiscutivelmente, o governo está na contramão do sentimento de mobilização e enfrentamento para derrotar a burguesia de Santa Cruz. Repete o erro cometido em outros momentos da história de América Latina frente a um acirramento da luta de classes: desarmar os trabalhadores enquanto a direita se arma até os dentes. Na Bolívia, é urgente rechaçar o decreto de Evo Morales e repetir as brigadas de autodefesa de operários e camponeses, que existiram na

ATOS DE LUTA MARCAM O PRIMEIRO DE MAIO

EM TODO O PAÍS, o 1º de maio foi lembrado como um dia de luta dos trabalhadores, em contraposição às festas das governistas Força Sindical e CUT. Confira como foram alguns dos protestos.

DA REDAÇÃO

São Paulo (SP)

O ato classista do 1º de Maio acabou com uma caminhada pelo centro de São Paulo. A manifestação, convocada pela Conlutas, Intersindical, Pastorais Sociais, MTST, MST, PSTU, PSOL e PCB, reuniu cerca de duas mil pessoas.

Na Praça da Sé, os trabalhadores e a juventude resgataram o significado do 1º de Maio, repudiando o caráter festivo e governista dos atos das centrais pelegas – CUT e Força Sindical. José Maria de Almeida, o Zé Maria, da Conlutas, iniciou sua fala denunciando o massacre do povo haitiano pelas tropas da ONU, comandadas pelo exército brasileiro. Lá, os trabalhadores foram impedidos de fazer atos. O povo do país caribenho está em um processo de mobilização radicalizada contra o aumento do preço dos alimentos e vem sofrendo dura repressão. Zé Maria chamou uma salva de palmas para o povo do Haiti e uma vaia para Lula.

Também falaram representantes das pastorais, da Intersindical, do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O ato teve apresentações culturais que lembraram os 40 anos do 1º de Maio de 1968, quando operários expulsaram os pelegos e o governador biônico do palanque. Ao final, todos saíram em caminhada pelo centro da cidade, cantando palavras de ordem.

São José dos Campos (SP)

Cerca de 300 pessoas participaram de um ato unificado dos trabalhadores em defesa dos direitos, pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários, por emprego, moradia e condições dignas de vida.

Na manifestação, foram lembrados os ataques que estão sendo feitos pelas empresas na região, como a GM, que quer impor o banco de horas e reduzir salários; a Johnson, que também planeja reduzir os salários na fábrica em até 38%; ou ainda os condutores, que estão ameaçados de perder direitos e empregos. Os discursos apontaram o caminho da unidade, da resistência e da luta dos trabalhadores para barrar os ataques dos patrões.

Fortaleza (CE)

O protesto reuniu diversas categorias que estão em processo de mobilização. Cerca de 500 manifestantes denunciaram a política mercenária dos empresários da construção, que provocou uma greve dura e radicalizada na categoria. Servidores municipais, trabalhadoras da confecção feminina, indígenas, movimentos sociais e populares da região, entidades estudantis e partidos de esquerda marcaram sua presença.

"Cadê, cadê a Fortaleza Bela, se o trabalhador mora mesmo é na favela?", "Não é livre quem vive a oprimir, fora as tropas brasileiras do Haiti", foram algumas das palavras de ordem entoadas pelos manifestantes. A realização do I Congresso da Conlutas também foi lembrada no ato, que terminou ao som do grupo de rap Reviravolta.

Maceió (AL)

A Conlutas realizou um ato público em frente à Braskem no dia 30 de abril. Os manifestantes protestaram contra o aumento dos preços dos alimentos.

Rio de Janeiro (RJ)

A Cinelândia, conhecida por ser palco de grandes manifestações no Rio, novamente cedeu sua beleza para marcar a luta dos trabalhadores. Mais de 500 ativistas, mesmo sob a chuva, participaram do ato-show realizado por Conlutas, Intersindical, MST e outras entidades. As falas foram marcadas pelas denúncias contra os governos e as reformas neoliberais. Também foram denunciados o descaso com a saúde, a violência policial e os ataques aos movimentos sociais. Cyro Garcia, do PSTU, falou da luta contra o fator previdenciário e denunciou o governo Lula e a ocupação do Haiti.

Goiânia (GO)

Duas manifestações lembraram o 1º de Maio combativo e classista. O foco central foi o aumento do custo de vida para o trabalhador. De manhã, a Conlutas fez um ato na Praça do Bandeirante, por onde passam milhares de trabalhadores todos os dias. Depois foi a vez de o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Goiás (DCE-UFG) ocupar o prédio da companhia que controla o transporte público na cidade.

Belém (PA)

Cerca de 600 pessoas participaram do ato. Em seguida, uma passeata pela cidade reuniu a Conlutas, o MST e a Intersindical. A manifestação contou com a participação da vanguarda da luta dos trabalhadores da construção civil, dos trabalhadores da educação, que estão em greve, dos auditores fiscais, que estão em campanha salarial, de David Stang, irmão de Dorothy Stang - freira norte-americana assassinada por latifundiários -, da juventude das três universidades públicas do estado, que estão construindo a frente de luta, entre muitos outros ativistas.

Porto Alegre (RS)

Porto Alegre - O ato na capital gaúcha ocorreu no Largo Glênio Peres, no centro da cidade. Mais de 100 pessoas estavam no local. As diversas falas denunciaram a política repressiva de Lula no Haiti, principalmente agora, quando os haitianos levantam-se contra o aumento dos preços dos alimentos. A fome e o aumento dos preços da comida foram lembrados e relacionados com a lógica do lucro no campo: incentivo aos biocombustíveis e à plantação de eucalipto. O ato refletiu o sentimento da vitória de uma chapa de enfrentamento ao governo Lula na recente eleição do Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Sul. O presidente eleito da nova diretoria saudou todos os grupos presentes e afirmou que o sindicato irá participar do I Congresso da Conlutas, em julho.

PREPARAR AS ASSEMBLÉIAS PARA O 1º CONGRESSO DA CONLUTAS

Depois de um 1º de Maio classista vitorioso, é hora de voltar as atenções para as assembléias que elegerão os delegados para o I Congresso da Conlutas. É importante lembrar que o fim do prazo para a realização das assembléias é o dia 30 de maio. Confira o calendário abaixo e participe do congresso.

1º DE ABRIL – início do prazo para realização das assembléias de eleição de delegados ao I Congresso da Conlutas. A inscrição dos delegados e o envio da documentação da assembléia deverão ser feitos em até dez dias após sua realização.

20 DE MAIO – término do cadastramento eletrônico das entidades.

30 DE MAIO – término do prazo para realização das assembléias.

2 DE JUNHO - data limite para inscrição e envio da documentação das entidades e delegados eleitos ao congresso

VEJA ALGUMAS ASSEMBLÉIAS QUE JÁ ESTÃO MARCADAS:

DIA 15 - Oposição Bancária de São Paulo, Osasco e Região

DIA 16 - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São José dos Campos

DIA 20 - Oposição Bancária do Rio de Janeiro

DIA 29 - Sindicato dos Trabalhadores da Construção de Belém